

## **Dominique Wolton e o desafio da comunicação<sup>1</sup>**

### **Dominique Wolton and communication challenge**

Juremir Machado da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este artigo examina a questão da comunicação na obra do sociólogo francês Dominique Wolton, que diferencia comunicação de informação e situa a incomunicação e a acomunicação como desafios que a comunicação não cessa de enfrentar. A questão central é: por que comunicar é tão difícil?*

**Palavras-chave:** *Dominique Wolton. Comunicação. Incomunicação. Acomunicação. Cultura.*

**Abstract:** *This article examines the question of communication by the French sociologist Dominique Wolton, the difference in information communication and the situation in incommunication and acommunication as challenges that communication has not stopped infringing. A central question: why is communication difficult?*

**Keywords:** *Dominique Wolton. Communication. Incommunication. Acommunication. Culture.*

### **Comunicação como foco de pesquisa**

Na interpretação das contribuições para o entendimento dos fenômenos comunicacionais é possível que esteja diminuindo a atenção em relação aos teóricos, os intelectuais que fornecem conceitos para pensar o que se pensa. No mundo da pesquisa, o dado de campo continua sendo o padrão ouro, mas sem as ferramentas que ajudam a realçar o valor de um dado bruto pouco se pode fazer com ele. Teóricos possuem uma capacidade

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

<sup>2</sup> Jornalista, escritor, doutor em sociologia pela Sorbonne, professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, Doutor Honoris Causa da Universidade Paul Valéry de Montpellier, pesquisador A do CNPq.

conceitual aguçada. Concebem termos que sintetizam conjuntos complexos e ajudam a clarear o que se apresenta de modo nebuloso. Numa época em que se parece privilegiar novamente a força das estruturas, os nomes individuais perdem destaque de conjunto, embora sejam citados o tempo todo como intérpretes necessários.

Poucos sociólogos têm dedicado tanto tempo e tantos livros instigantes aos estudos de comunicação quanto o francês Dominique Wolton, pesquisador do CNRS, o prestigioso Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, onde dirige desde 1988 a revista *Hermès*, cujo subtítulo é “cognição, comunicação, política”. Nascido em 1947, na República de Camarões, por força da atividade paterna, doutorou-se em sociologia, na França, sob a orientação de Alain Touraine. Interessado desde muito cedo nos meios de comunicação, entraria, já com a carreira consolidada, para o Conselho de Administração do Grupo França Televisão, de canais públicos. Pelos mesmos interesses, tornar-se-ia presidente do Conselho de Ética Publicitária da Autoridade para a Regulação Profissional da Publicidade.

Ao longo da atividade intelectual, destaca-se pelos livros de entrevistas com grandes personalidades como o icônico intelectual Raymond Aron, o político Jacques Delors, cotado várias vezes para presidir a França, e o Papa Francisco, com quem teve 12 encontros para colher as respostas que resultaram em livro.<sup>3</sup> No plano em foco neste artigo, chamou a atenção primeiramente com *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*, lançado na França em 1990. O segundo grande livro sobre o assunto foi *Pensar a comunicação*, de 1997. Dois anos depois, já sob o impacto da revolução tecnológica em curso, publicou *Internet, e depois?* Entre esses livros de repercussão, continuou produtivo em outros campos, entre os quais a construção da União Europeia e o valor da francofonia.

Em 2005, marcou posição no tema com *É preciso salvar a comunicação*. A partir de 2009, com *Informar não é comunicar*, mergulhou na produção de uma trilogia da comunicação, que se tornaria uma tetralogia. Os volumes seguintes seriam: *Comunicar é negociar*, de 2022; *Pensar a incomunicação*, 2024; e, em 2026, *Y –a-t-il quelque part quelqu’un qui m’aime*.<sup>4</sup> Em todos esses livros, uma mesma preocupação: por que comunicar

3 Wolton, Dominique. *Papa Francisco. O futuro da fé: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton*. São Paulo: Petra, 2018.

<sup>4</sup> *Tem alguém, em algum lugar, que goste de mim*.

é tão difícil? A resposta é límpida: porque comunicar significa lidar com a alteridade.<sup>5</sup> Em outras palavras, para Wolton a comunicação diz respeito à relação que se estabelece entre pessoas, num processo infinito de negociação e reconhecimento do outro como interlocutor, enquanto a informação não passa de uma troca de dados no grau mínimo da necessidade de interação social.

Acostumado a andar na contramão dos discursos dominantes, Dominique Wolton sempre buscou pontos de vista alternativos. Quando quase todos saudavam a televisão segmentada, a cabo, para assinantes, como modelo de qualidade e aprofundamento de assuntos, ele ousou fazer o elogio da televisão aberta como instrumento de reunião de diferentes para ver um mesmo programa, privilegiando a “lógica da oferta” contra a “lógica da demanda”. Para Wolton, a “lógica da demanda” cria bolhas, como viria a acontecer nas redes sociais, enquanto que a “lógica da oferta” propõe juntar os diferentes para apreciação de um mesmo cardápio definido na edição por jornalistas a partir de critérios dessa atividade profissional.

De certa maneira, o deslumbramento com a televisão fracionada traduz a fragilidade da reflexão sobre o status social e cultural da televisão. Ao fazer a oferta depender da existência de uma demanda solúvel, a televisão fragmentada inverte a lógica de toda a produção cultural. Essa inversão, aparentemente democrática, que pretende “colocar o consumidor no posto de comando”, leva à imensa rigidez, pois a iniciativa da oferta, na questão cultural, mais do que em qualquer outro setor, passa na verdade a depender da demanda. Um sistema de produção que parte da demanda é aparentemente competitivo, mas corre o risco constante do conformismo e da estratificação (Wolton, 1996, p. 115).

De modo bastante direto, Dominique Wolton via na televisão aberta, generalista, um instrumento produtor de laço social e de identidade, muito útil para a democracia de massas. Ainda que se pudesse alegar que diferenças profundas de classe social e de conhecimento não eram diluídas pelo fato de que houvesse uma comunhão em torno do mesmo telejornal, ou, no caso do Brasil, por telenovela, a ideia era que a televisão proporcionava um encontro feito

5 Os três primeiros volumes da tetralogia de Dominique Wolton foram lançados no Brasil pela editora Sulina, de Porto Alegre, com tradução do autor deste artigo. *Pensar a comunicação* (2010); *Comunicar é negociar* (2023); *Pensar a incomunicação* (2024).

de diversidade e fornecia temas comuns para comentários. Mesmo que as interpretações fossem muito diferentes, falava-se da mesma coisa. Dava-se a pauta, mas não obrigatoriamente o que dizer sobre o tema do dia. Já a televisão segmentada manteria separados os que já viviam distantes, eliminando um dos poucos encontros possíveis entre todos.

Claro que essa posição gerou muita polêmica ao longo dos anos. No ambiente acadêmico, hipercrítico, muitas vezes dominado pela influência dos intelectuais da Escola de Frankfurt, a visão mais positiva de Wolton podia causar desconfiança. Como podia um sociólogo ver qualidades na televisão aberta, essa máquina de manipulação, conforme a vulgata criticista? Não se tratava, porém, de ingenuidade e muito menos de conformismo, mas de uma visão alternativa capaz de apontar defeitos sem, contudo, resvalar para a rejeição em bloco de um meio de comunicação então no auge da sua potência.

Wolton não esteve sozinho nessa relativização complexa e contestada dos poderes do que se chamava então de meio de comunicação de massa e depois seria rotulado de mídia. Edgar Morin observou (1972, p. 17):

Todas as investigações realizadas sobre o problema dos efeitos dos meios de comunicação de massa mostram que a influência de certo emissor só pode ser eficaz quando é dirigida no sentido das predisposições do receptor, isto é, dos espectadores. Não podemos trabalhar o espírito humano como se fosse massa de modelagem. É preciso que ele já esteja orientado para que se possa, nessa ocasião, acelerar e acentuar o processo. Assim considerado, o problema do conformismo não existe apenas no produto cultural que é oferecido, mas igualmente na situação que é mister saber examinar em todos os seus aspectos, inclusive o aspecto psicológico ou, mais exatamente, psicossociológico.

Quando da explosão da internet, com a tradicional divisão dos momentos de surgimento de uma nova tecnologia entre deslumbrados e assustados, Wolton não temeu jogar um pouco de água fria no entusiasmo suscitado. Apresentou os seus argumentos em *Internet, e depois?* (2003). Para Dominique Wolton há sempre um perigo à espreita: o encantamento com a ideologia tecnicista. Ou seja, crer que a tecnologia resolverá tudo por si, criando mais democracia, mais inteligência, mais interatividade e mais bem-estar social. Para Wolton a tecnologia, por mais que provoque efeitos de estrutura, não sendo neutra, continua

não passando de um instrumento a serviço dos seres humanos, cujas decisões continuam a ter valor determinante.

Num momento em que se tratava a internet como a realização de uma utopia libertária baseada falsamente no tudo grátis e na liberdade total de expressão, Dominique Wolton (2003, p. 120) situava o contexto do debate:

A história da comunicação demonstra que se cada nova tecnologia resolve um problema anterior, ela em geral cria outros e, como a velocidade das mudanças foi muito rápida nos últimos trinta anos, é impossível dizer friamente que é necessário forçar os indivíduos a trocar o universo “arcaico” das mídias generalistas pelo universo “moderno” e performático das novas tecnologias.

Defendia a regulação da rede a partir da ideia de que a “lei emancipa”, enquanto a falta de regra permite explorações indevidas:

A defesa do princípio de regulamentação então não é uma maneira de frear o progresso, ao contrário, é uma forma de lembrar o peso essencial das duas outras dimensões da comunicação, e que não há liberdade de comunicação sem regulamentação, isto é, sem proteção dessa liberdade.

O tempo deu-lhe razão. Foi preciso regulamentar para coibir abusos de toda sorte. O “tudo grátis” revelou-se uma ilusão, pois, conforme a expressão usada por liberais, “não existe almoço de graça”. Alguém sempre paga a conta. Wolton nunca se deixou enganar quanto a isso. Um dos modos de pagamento é o tempo destinado a navegar. Outros são os dados pessoais fornecidos às plataformas, a publicidade, o material postado (produção de conteúdo) e o pagamento para entrar em determinados espaços fechados.

### **Informar não é comunicar**

Enquanto se teorizava sobre a sociedade da informação e se louvava a maior circulação de dados já vista pela humanidade, Dominique Wolton, mais uma vez, contrariava o pensamento dominante e defendia que o importante é a comunicação. O que, enfim, diferencia a informação da comunicação? A relação, o outro, a existência de interlocutor com seu trajeto existencial. O outro é um ser que negocia, mas não aceita ser apagado, reduzido

aos parâmetros do seu outro, lutando para manter a sua identidade, a sua singularidade e os seus valores pessoais e de grupo, o que, muitas vezes, provoca choques culturais, rejeições mútuas, ódios e incompatibilidades.

Primeiramente, se não existe comunicação sem informação, a comunicação é sempre mais difícil, pois impõe a questão da relação, ou seja, a questão do outro. O resultado é incerto visto que o emissor raramente está em sintonia com o receptor e vice-versa. Em segundo lugar, há uma contradição entre a legitimidade da informação e o descrédito da comunicação, pois nunca os homens passaram tanto tempo, como neste último meio século, tentando se comunicar. Nunca se investiu tanto dinheiro em tecnologias cada vez mais sofisticadas na tentativa de atingir esse objetivo. Por que desvalorizar e criticar essa atividade e dedicar a ela tanto tempo, energia e dinheiro? Desvalorizar a comunicação, que é desesperadamente buscada por todos na vida privada, profissional, política e social, significa se autodesvalorizar (Wolton, 2010, p. 5).

Comunicar é difícil, especialmente quando a comunicação se faz mais necessária como meio de superar conflitos, impasses, incompreensões, guerras, ódios transmitidos de geração em geração. O paradoxo da comunicação consiste em que quanto mais a comunicação é fundamental, mais ela é difícil, deslizando para a incomunicação e até para o bloqueio total. A inteireza do outro como obstáculo ao entendimento pela sua irredutibilidade aparece na obra de filósofos importantes. É o caso de Emmanuel Lévinas (2010, p. 52) na sua reflexão sobre alteridade:

Os filósofos da *Einfühlung* sabiam, pelo menos, que a “experiência” de outrem não se obtém por simples “variação” de si e pela projeção de uma destas variantes para fora de si. Procuravam o acesso irredutível que conduz ao tu, e, quando o situavam na simpatia e no amor, sustentavam que, no fim das contas, cada encontro inicia uma nova história amorosa.

Cada encontro gera, no sentido spinoziano, uma paixão, uma relação perpassada por uma afeição. Para Spinoza (p. 147) “toda coisa, na medida em que pode, esforça-se por perseverar no seu ser”. O outro quer ser o que é. Como entrar na sua “intimidade”, como travar diálogo com ele fora de uma perspectiva egocêntrica, respeitando as suas diferenças e peculiaridades? Esse é o desafio da comunicação, aquilo que faz dela algo fundamental.

Parece simples e, ao mesmo tempo, circular: é preciso entrar em comunicação com o outro, mas esse outro, por ser outro, parece incomunicável. Dentro de uma mesma cultura são incontáveis os fossos, os muros, as divisões.

### **Comunicar é negociar**

Qual a saída? Dominique Wolton entende que não há outra saída que não seja negociar. Mas se, justamente, não se quer negociar? Num caso assim, o pior acontece: a ruptura, a guerra, o fim de qualquer possibilidade de comunicação. Mesmo em guerras, como se tem visto no conflito opondo Rússia e Ucrânia, tenta-se negociar. Mesas de negociação são propostas por terceiros, como os Estados Unidos, a União Europeia, a ONU, etc. Na crise total da comunicação, paradoxalmente, torna-se fundamental abrir frestas, portas, espaços mínimos de negociação, ou seja, de comunicação. Muitas vezes, antes de sentar à mesa para negociar, bombardeios são feitos como lances de intimidação ou demonstrações de força para apoiar argumentos.

Por que as pessoas se dividem? Por que nações entram em guerra? Por que culturas não se compreendem? Por que indivíduos entram em confronto? As explicações são muitas, a começar pelas de ordem material: cobiça, expansão, dominação comercial, dinheiro. A explicação mais geral e, ao mesmo tempo, mais complexa cabe numa expressão corriqueira: por poder. Para o filósofo Arthur Schopenhauer (1983, p. 99), o egoísmo é o “ponto de partida de toda luta”, essa fonte de dor que faz parte do “querer-viver”.

Wolton conclui que, diante de um quadro desse tipo, só resta negociar, pois, cada vez mais, é preciso conviver. Num mundo globalizado, de intensas trocas comerciais e de cidades com grande densidade demográfica, não há saída: deve-se negociar. É uma questão de sobrevivência. Se a paz é o grande objetivo, não há como se subtrair ao compartilhamento, ao encontro com o diferente, à troca de experiências. Negociar é reconhecer o outro como interlocutor legítimo, sair de si, escutar, correr o risco do fracasso, apostar na intercompreensão, viver.

Hoje, estamos demasiadamente do lado da “mesmice”. Há aqui um paradoxo: este mundo da comunicação generalizada deveria valorizar o outro, mas estamos constantemente reduzindo-o ao mesmo. Esse é o desafio da comunicação. Procurar o mesmo, esbarrar no outro e, no entanto, querer que o outro se pareça com esse mesmo que se procura (Wolton, 2023, p. 29-30).

No entendimento de Wolton, dá-se pouca importância à comunicação como negociação com o outro e valorização da alteridade e importância demais à informação como fluxo contínuo de dados e de mensagens. A comunicação exige definição de contexto, convivência com o outro, construção de um espaço comum de compartilhamento de valores, afetos, emoções, ideias. Se todos falam, alguém precisa ouvir. Quem ouve? Quem está disposto a ouvir? Comunicar significa identificar signos comuns e afastar estereótipos.

O peso da alteridade nunca esteve tão presente como neste início do século XXI, seja com a aceleração tecnológica, seja com o reconhecimento da importância da negociação para administrar as crescentes incompreensões. Apostar em tecnologias ou em pessoas? No face a face tecnológico ou na negociação política? Sabemos a resposta que prevalece hoje. Na realidade, a dificuldade da comunicação consiste em conseguir criar espaços de negociação entre identidade, alteridade e convivência. Essa necessidade imperativa resulta em grande parte da abertura do mundo, da velocidade de circulação das mensagens, da performance das redes de conexão e da visibilidade das diferenças e identidades (Wolton, 2023, p. 17).

Não há democracia sem compartilhamento de valores. Portanto, a democracia implica convivência e respeito pelo outro. Para que isso aconteça só há um caminho: comunicar. Ou seja, negociar permanentemente. No dia a dia, acontecem choques, tensões, conflitos. Não há, porém, democracia sem alguma entropia. Nesse movimento incessante das partículas humanas, a negociação precisa prevalecer sobre o conflito. Nem sempre isso acontece. Se, contudo, isso começa a acontecer raramente, a sociedade colapsa. Comunicar não é entreter os outros, mas tecer com eles uma relação.

### **Pensar a incomunicação**

Nunca a humanidade teve tantos canais de comunicação disponíveis. Pode-se falar a qualquer momento com o outro lado do mundo por dispositivos sem pagamento direto como o WhatsApp. Famílias se mantêm interligadas a distância. Apesar dessa profusão de tecnologias de contato, a incomunicação espreita. Para Dominique Wolton, incomunicação significa dificuldade de comunicação, o que pode ser uma oportunidade para relançar a negociação.

Para que a comunicação vença os seus obstáculos é necessário refletir sobre os fundamentos da incomunicação. O que trava a comunicação? Quais são os maiores gargalos? Quais são as grandes ilusões? A tecnologia resolve quase tudo? A velocidade tecnológica ajuda ou cria novos problemas? Um dos problemas já foi indicado: todo mundo fala, ninguém ouve. A ideologia tecnicista não entrega o que promete por estar fora do seu alcance. Para além da técnica, irredutível, está a política, esfera da decisão humana.

Wolton (2025, p. 51-52), como diz o ditado francês, “não vai por quatro caminhos”. Isto é, vai direto ao ponto, cristalino, objetivo:

Qual é a origem da incomunicação? A multiplicação das trocas e o aumento do desempenho das ferramentas. Os dois se fortalecem dando a impressão de que nos entendemos cada vez melhor. Pensar na incomunicação constitui, portanto, uma obrigação humana e científica. Como podemos controlar tantas interações, incomunicações e trocas? Como preservar a comunicação humana? Como podemos reduzir a avalanche da tecnologia na informação e na comunicação? Como não sucumbir às enxurradas de informações, boatos e notícias falsas? Como promover “boas notícias”? Como viver sem o gigantesco controle de redes e conexões? Pensar a incomunicação significa, portanto, abordar a questão da influência de tudo o que é digital e também sair do universo “com” e redescobrir as pessoas e a sociedade.

Essa perspectiva exige uma tomada de decisão importante: sair da fascinação pela modernidade tecnológica, sempre apresentada como indiscutível, e retomar o tempo da reflexão, da contemplação e da convivência cotidiana centrada na presença humana e no contato com a natureza. É possível? Utópico? Regressivo? Antimoderno? Anacrônico? Há espaço na sociedade para um movimento desse tipo? Sinais de exaustão aparecem. O psicólogo social Jonathan Haidt, no best-seller *A geração ansiosa* (2024), argumenta que a nova vida digital caminha para o colapso. A passagem da infância “baseada no brincar” para a infância “baseada no celular”, vivida nas telas, estaria criando um tipo de incomunicação com sérias consequências mentais para a geração Z, os nascidos entre 1997 e 2010, objetos de pesquisa. Soou o alarme. Pais estão inquietos. Especialistas buscam respostas. A chegada da inteligência artificial conturba ainda mais o cenário. Que adultos estão sendo educados?

A tecnologia apresenta-se com uma “enorme positividade, indiscutível e inacessível”, no modelo denunciado por Guy Debord (1997), na sua tese 12, sobre o espetáculo. Numa

paráfrase, pode-se dizer que, se é tecnológico, é bom; se é bom, é tecnológico. Não se vai, porém, voltar a um tempo antes da energia elétrica ou da água encanada, muito menos das conexões em rede. A questão é demarcar o espaço da tecnologia como avanço e da tecnologia como ideologia arrogante e inquestionável. A proibição do celular em salas de aula do ensino médio e fundamental é uma prova de que limitar pode funcionar sem representar uma manifestação de recusa da tecnologia.

### **Comunicação, incomunicação e *acomunicação***

Em *Pensar a incomunicação* (2024), Dominique Wolton consolida três conceitos centrais do seu pensamento comunicacional: comunicação, incomunicação e *acomunicação*. Para ele, a comunicação permanece o horizonte desejado. Já a incomunicação surge como dificuldade e oportunidade. Dado que há dificuldade de comunicação, cabe insistir e tentar vencer os obstáculos. Por fim, a *acomunicação* aparece como o perigo de fracasso absoluto na tentativa de estabelecer uma relação comunicacional.

Inteligência artificial e velocidade não são o horizonte da humanidade. Por que querer racionalizar, simplificar e unificar tudo? A tecnologia tropeça na incomunicação, que pensava ter dominado, e a *acomunicação* continua a ser o horizonte trágico da comunicação humana. A utopia tecnicista permanece a ilusão de uma sociedade transparente, rápida e interativa na qual o lado sombrio das redes nunca é considerado perigoso. Há uma espécie de fascínio pela modernidade, pela velocidade e por este presente indefinido (Wolton, 2024, p. 41).

Na sociedade da informação, a comunicação patina. No mundo virtual dos fluxos contínuos, as relações presenciais disputam espaço com o isolamento das telas. Quando tudo serve para comunicar, a comunicação enfrenta a ausência do interlocutor. Quando todos se exprimem sem parar, a escuta torna-se efêmera ou inexistente. Exagero ou realidade em expansão? Os diagnósticos estão em aberto. Podem ir do mais grave ao mais leniente. Pais acham que seus filhos estão seguros nos seus quartos enquanto eles estão entregues aos maiores perigos imagináveis nas redes. A vida digital não é um paraíso sem corporeidade. Também não é um silêncio de cemitério.

A dificuldade de comunicação tem diversas causas: geopolíticas, culturais, geracionais, linguísticas, sociais, etc. Na época da explosão de gêneros, marca de uma quebra de paradigmas, cresce uma binarização cultural: polarização política, ideológica, esportiva. As redes sociais não suportam terceiros elementos, estimulando as posturas binárias fortes: contra ou a favor, sim ou não, nós ou eles. Não ter posição definida gera exclusão, levando da incomunicação à *acomunicação* em alguns cliques.

### **Tem alguém, em algum lugar, que goste de mim**

No seu livro mais recente, Dominique Wolton (2026, p. 31) dedica-se a precisar os seus conceitos como quem cinzela uma escultura. Comunicar significa ver o mundo de outro modo, levar em consideração o contexto dos fatos, sair da procura pelo mesmo, aceitando o encontro com o diferente e o desafio da negociação. A aventura da comunicação não pode se separar de cinco elementos: exprimir-se, compartilhar, negociar, conviver e correr o risco do fracasso (2026, p. 14). Não há como fugir desse percurso. Todo o processo parte de uma realidade básica: seres humanos são sociáveis e buscam conviver com seus congêneres para ter reconhecimento, amor, formar comunidades, compartilhar afetos, ideias e experiências de vida.

Não se trata de traçar cenários complicados ou de construir teorias obscuras. Ao contrário, o sociólogo da comunicação tenta entender o valor do ato comunicacional na vida cotidiana das pessoas. Comunicar produz cultura, que é um modo de forjar identidades e de transmitir valores. De certo modo, levando o raciocínio ao extremo, a cultura não se faz no silêncio. Ela exige interação, partilha de sentimentos, atualização constante de elementos de ligação. Assim, a cultura é sempre comunicação. O que diz uma sociedade sobre si, por meio dos seus integrantes, para que a coesão se mantenha, a unidade permaneça e o cimento não se quebre? Pode-se sugerir que a toda cultura podem ser aplicadas as famosas seis questões do modelo comunicacional: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Para Dominique Wolton (2026, p. 179) a comunicação tem sempre um fundamento social. Ela deve contribuir para manter as sociedades abertas, coesas e democráticas, não havendo alternativa aos seus riscos:

O essencial da comunicação diz respeito à sua dimensão antropológica. Ainda mais nesta época de globalização e de

diversidade cultural. Nada mais difícil do que conseguir conviver com menos violência e evitar as guerras, o uso da força e o ódio. Mais do que nunca a comunicação é uma questão política relativa à paz e à guerra, antes de ser técnica e econômica. Quanto mais o mundo é aparentemente instantâneo, transparente e interativo, mais a questão do outro torna-se fonte de conflitos.<sup>6</sup>

A guerra é o meio pelo qual se busca eliminar o outro como obstáculo a um modo de ver. Não deixa de ser o método mais tosco de solução de conflitos. Depois de algumas décadas tentando apostar em regras internacionais capazes de impedir a barbárie das duas grandes guerras mundiais, o mundo vê-se novamente às voltas com as ambições desmesuradas das grandes potências militares, Estados Unidos, Rússia e China, o que se plasma na visão geopolítica das relações, com o planeta dividido em áreas de influência e controle, cada potência com o seu “hemisfério”.

A declaração de guerra representa o fracasso da negociação e da comunicação. De repente, só as armas falam. Depois dos bombardeios, só resta o silêncio dos cemitérios cada vez mais urbanos, pois as cidades não escapam a ataques ditos cirúrgicos e as populações civis morrem por “efeito colateral” dos erros de cálculo e pontaria. Quando toda palavra se esgota, sobra a declaração de guerra. Assim, a guerra é sempre a passagem da incomunicação à *acomunicação*. Wolton (2026, p. 30) não se constrange de fazer o elogio da vida: “Comunicar é viver, amar e ser amado”.

### **Considerações finais: a aporia como saída de emergência**

A grande lição de Dominique Wolton nem sempre é explicitada. Existe uma aporia na questão da comunicação como relação com o outro: se esse outro não pode ser reduzido ao seu interlocutor para ser compreendido e decodificado, então é fundamental aceitar ouvi-lo do jeito que ele é. Dado que não há saída para o fato de que o outro é outro e permanecerá outro, ou seja, diferente, irreduzível, singular, único, um si em si mesmo, só resta assumir essa aporia e fazer dela o motor para a insistência na comunicação: continuar negociando, sempre negociando, apesar dos fracassos, das dificuldades crescentes ou permanentes e da sensação de cansaço.

6 Tradução do autor deste artigo.

É como se alguém dissesse convictamente: dado que eles não querem negociar, temos de continuar negociando. Visto que eles não querem se comunicar, temos de insistir na comunicação. O que poderá mudar? O contexto, a sensibilidade para os argumentos apresentados, a interpretação do que é dito, a capacidade de escuta, o jogo de palavras, etc.

Esse tipo de conclusão pode parecer ilógico. Trata-se, contudo, de um modo lógico de resistência contra a irrupção da *acomunicação*. O contrário significa dizer: dado que eles não querem negociar, façamos a guerra. Mas a guerra não resolve, deixa sequelas e, a partir de certo momento, exige negociação para que se dê fim aos estragos de um conflito bélico.

Dito de outra maneira, a guerra é o caminho mais curto para a barbárie. Ela se baseia no fracasso da comunicação e na descrença na capacidade de negociação como único recurso razoável contra o pior.

Edgar Morin (2025, p. 87), na sua décima sexta lição da história, afirma que as “guerras são um concentrado de imprevistos e de determinismo”. Pode-se tentar enfrentar o determinismo que leva a massacres insistindo na negociação até que o imprevisto do entendimento se realize.

Pode parecer ingênuo, ou até infantil, insistir em negociação quando todos os ouvidos estão fechados. A persistência, porém, escolhe a vida em lugar da morte, a civilização e não a barbárie, a razão, não a força.

Dominique Wolton, livro após livro, ano depois de ano, com método e novos dados, repete a sua incansável e provocativa mensagem: se ninguém quer ouvir, razão a mais para continuar falando. A informação já passou. A relação ainda precisa ser refeita. Afinal, o mundo continua em guerra.

Contra a tentação da guerra, a cultura da comunicação.

### Referências

- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HAIDT, Jonathan. *A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. São Paulo: Cia das Letras, 2024.
- LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MORIN, Edgar. *Lições da história*. Porto Alegre: L&PM, 2025.

MORIN, Edgar. Da cultura de massa a busca do novo humanismo. *Revista da Comunicação Social*, Fortaleza (CE), v. 2, n. 1/2, p. 3-20, 1972.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. São Paulo: Ediouro, 1983.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. São Paulo: Ediouro, 1989.

WOLTON, Dominique. *Y a-t-il quelque part quelqu'un qui m'aime*. Paris: Hermann, 2026.

WOLTON, Dominique. *Pensar a incomunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2024.

WOLTON, Dominique. *Comunicar é negociar*. Porto Alegre: Sulina, 2023.

Wolton, Dominique. *Papa Francisco. O futuro da fé: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton*. São Paulo: Petra, 2018.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: UnB, 2004.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?: uma crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público*. Petrópolis: Vozes, 1996.